

carta aos editores

Evasão escolar

Sr. Editor,

O artigo de Tramontina et al¹ apresenta como objetivo a associação entre retardo mental estimado e evasão escolar. Sua relevância está em refletir a situação educacional de nosso país. Segundo dados apresentados pelo MEC² (Ministério da Educação), no ano de 2000, 3,2% dos alunos da primeira a quarta séries do Ensino Fundamental foram reprovados e 3,4% dos alunos matriculados abandonaram a escola. O MEC oferece dados estatísticos sobre o número de alunos reprovados, matriculados, evadidos, etc., mas não há estudos apresentando os motivos que determinaram o abandono escolar. Os autores desse artigo ressaltam a precariedade de pesquisas na área de educação, principalmente no que diz respeito à saúde e qualidade de vida dos alunos.

A escola, por ser uma instituição social que intervém no funcionamento cognitivo de seus sujeitos, busca também promover, desenvolver, avaliar e julgar o desempenho intelectual dos alunos.³ Apesar do artigo não se propor a discutir sobre o fracasso escolar, foi apresentado nos resultados, que a repetição constante de séries gera a evasão escolar. Além disso, considera as condições sociais, tais como: pobreza, gravidez na adolescência, relações familiares e violência como elementos que influenciam no índice de abandono escolar, acrescentando-se a esses fatores outro dado importante: a motivação dos educandos.

Crianças que pertencem a famílias que costumam ler e discutir em sua rotina, acabam sendo constantemente motivadas em seu ambiente e apresentam menor dificuldade na aprendizagem escolar.⁴ Por outro lado, crianças que não tem o privilégio dessa realidade; que mal dominam a linguagem; que não estão familiarizadas com a língua escrita; com jogos; terão maior dificuldade em sua escolarização⁴ e, também, na realização de determinados testes de inteligência.

O artigo sugere uma associação entre retardo mental e evasão escolar. A mensuração do nível intelectual das crianças foi avaliada pela escala de inteligência de Wechsler – terceira edição (WISC-III). Nessa escala, alguns dos subtestes têm seu desempenho estabelecido pelo conhecimento escolar, (aritmético, por exemplo), enquanto outros não necessitam da mesma condição. A amostra foi escolhida aleatoriamente, tendo como critérios básicos serem alunos de terceiras e quartas séries do ensino fundamental, e serem matriculados em escolas públicas do Estado de Porto Alegre. Da forma como está apresentado, não fica claro se os autores puderam controlar um possível “bias” medindo a falta de escolarização como indício de retardo mental, pois não foram esclarecidos quais subtestes foram utilizados e em quais deles as crianças apresentaram maior dificuldade para responder. Consonante com esta questão, está o fato de que alguns subtestes não foram realizados por falta de possibilidade de aplicá-los nas casas dos alunos.

Essa pesquisa é relevante para a área da educação, pois apresenta a realidade brasileira e propõe maior reflexão para edu-

cadore e escola. Alertando para a necessidade dos educadores estarem aptos para reconhecer dificuldades relacionadas às capacidades cognitivas de seus educandos.

**Patrícia Menezes Baptista, Maria Eloísa Famá
D’Antino e José Salomão Schwartzman**
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Referências

1. Tramontina S, Martins S, Michalowski MB, Ketzner CR, Eizirik M, Biederman J, et al. Retardo mental estimado e evasão escolar em uma amostra de estudantes da rede estadual de Porto Alegre. Rev Bras Psiquiatr 2002;24(4):177-81.
2. Ministério da Educação. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>> [Acesso: 8 jan 2003].
3. Oliveira MK. Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico-cultural. In: Aquino JG, organizador. Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus; 1997. p. 45-61.
4. Cordié A. Los retrasados no existen: psicoanálisis de niños con fracaso escolar. Buenos Aires: Nueva Visión; 2000.

Silzá Tramontina responde:

Sr. Editor,

No artigo “Retardo Mental Estimado e evasão escolar em uma amostra de estudantes da rede estadual de Porto Alegre”,¹ tivemos como objetivo analisar a associação entre retardo mental e evasão escolar, uma vez que observamos na prática clínica a ausência de suspeita, pelos professores de nossos pacientes, de um possível diagnóstico de retardo mental, a não ser que estes apresentassem fenótipo característico. Crianças com dificuldade de aprendizagem e com reprovações em série eram normalmente diagnosticadas pelos professores como preguiçosas ou desinteressadas.

Nossa pesquisa mostrou que estas crianças, por não terem sua dificuldade cognitiva reconhecida, acabam perdendo a motivação, devido às sucessivas reprovações e, por consequência, evadem.

É importante ressaltar que não foram mensuradas causas sociais e pedagógicas para explicar a evasão escolar, pois esse não era nosso objeto de pesquisa e nem nossa área de atuação. Embora possíveis confundidores como idade, transtorno de conduta, repetência escolar, renda e estrutura familiar foram controlados.

No que tange à testagem psicológica, sabemos que é muito discutida a validade da medida de inteligência (coeficiente de inteligência - QI) pela escala utilizada WISC III,² bem como a utilização de pontos de corte derivados de estudos com amostras americanas, em populações brasileiras. Além disso, só utilizamos dois subtestes: vocabulário e cubos. Entretanto, esse ainda é o instrumento para avaliação de inteligência com uso mais corrente e com

melhor avaliação de suas propriedades psicométricas. Para pesquisas populacionais demonstrou-se que o QI Total pode ser estimado a partir dos subtestes que utilizamos (média entre eles). Não avaliamos separadamente os subtestes utilizados, uma vez que esse não era o objetivo do nosso estudo.

Uma vez que controlamos os possíveis confundidores, inclusive a repetência, a falta de escolarização não pode ser entendida como um possível “bias”, embora concordamos que o teste vocabulário pode ser influenciado pelo nível sócio-econômico, o mesmo não ocorre com os cubos, que é um teste não verbal e o que menos sofre esse tipo de influência. Além disso, os alunos foram avaliados imediatamente após a evasão (15 dias de faltas consecutivas sem motivo justificado), utilizando-se critério da Secretaria de Educação e da Promotoria da Criança e do Adolescente do Rio Grande do Sul.³

Informações adicionais sobre a pesquisa realizada poderão ser obtidas no artigo “*School Dropout and Conduct Disorder in Brazilian Elementary School Students*” dos mesmos autores publicado no *Can J Psychiatry*, vol 46, December 2001.

Silz Tramontina

Departamento de Psiquiatria e Medicina Forense da
Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul

Referências

1. Tramontina S, Martins S, Michalowski MB, Ketzer CR, Eizirik M, Biederman J, Rohde LA. Retardo mental estimado e evasão escolar em uma amostra de estudantes da rede estadual de Porto Alegre. *Rev Bras Psiquiatr* 2002;24:177-81.
2. Wechsler D. WISC III/Manual. New York: The Psychological corporation; 1991.
3. Tramontina S, Martins S, Michalowski MB, Ketzer CR, Eizirik M, Biederman J, Rohde LA. School dropout and conduct disorder in Brazilian elementary school students. *Can J Psychiatry* 2001;46:941-7.

Modelos animais em psiquiatria

Sr. Editor,

Flora Vaccarino¹ da Yale University discute, no último periódico, o uso de modelos animais para o estudo de transtornos psiquiátricos. Vaccarino levanta exemplos de modelos animais desenvolvidos nos últimos anos, discutindo as implicações do conhecimento obtido a partir desses estudos. Ressalta as limitações impostas por tais modelos, apesar da similaridade genética existente entre os agentes biológicos de experimentação e os seres humanos. Cita ainda, a dificuldade encontrada em modelos dirigidos às alterações das funções cerebrais superiores, objetivo principal dos estudos em psiquiatria.

Ao discutir-se modelos animais para o avanço do conhecimento de mecanismos neuropsicopatológicos é imprescindível considerar os aspectos neuroetológicos. Um dos modelos citados no editorial é fruto da observação de alterações comportamentais observadas em camundongos *knockout para o gene da oxitocina* (OTKO), um neuropeptídeo envolvido

numa série de comportamentos sociais como maternagem e interações entre animais da mesma espécie, etc.² Estudos com oxitocina propõem que uma das suas funções essenciais seria modular o reconhecimento do outro através da ativação do núcleo medial da amígdala, antes do encontro social. Os autores do estudo controlaram variáveis como a preservação do olfato, audição e memória espacial, e concluíram que o modelo revelava um prejuízo na memória de reconhecimento social (MRS). Baseado nesse prejuízo na sociabilidade esse modelo passa a ser utilizado para o estudo do autismo.

No camundongo, o reconhecimento social é avaliado pela redução no tempo gasto pelo animal residente na investigação de um outro animal colocado nesse ambiente (nomeado intruso). Para que esse efeito seja mensurado, o animal intruso deve ser colocado na gaiola do residente, retirado após cinco ou quinze minutos (dependendo do protocolo) e reapresentado num intervalo inferior a uma hora. Como os camundongos habitualmente reduzem o tempo de investigação do intruso na segunda apresentação, fato não observado nos camundongos OTKO, foi considerado que esse não lembraria que já havia sido “apresentado” ao intruso, interpretando-se a falha na MRS.

Um impasse advém dos trabalhos que procuram entender o comportamento afiliativo.³ Estudos mostram que animais adultos virgens com lesão de amígdala medial adotam um comportamento “maternal”.⁴ A compreensão resultante é que a amígdala estaria envolvida na modulação do comportamento aversivo – comportamento adaptado para a sobrevivência em grupos. Retomando o estudo citado por Vaccarino, cria-se uma interpretação alternativa, sendo que a não redução da investigação realizada pelo animal OTKO poderia ocorrer por um prejuízo na modulação do comportamento aversivo, bem distinto de uma falha do reconhecimento pelo outro. Fica evidente que a transposição desses achados para um transtorno psiquiátrico, no caso do autismo, conta com inúmeras limitações e implica em inúmeras perguntas. Os modelos animais estariam respondendo questões acerca do comportamento aversivo ou do déficit de memória social dos autistas? Considerando a evolução das espécies qual teria sido a evolução do comportamento aversivo? Seria esse comportamento um dos sintomas do autismo? O prejuízo da memória seria de qual natureza? Seria decorrente de uma impossibilidade de significar emocionalmente o outro? As respostas a esses e a muitos outros questionamentos só poderão ser obtidas com um aprimoramento da neuroetologia.

Paula J. de Moura

José Salomão Schwartzman

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Referências

1. Vaccarino F. Modeling thought and feelings: the why, what and whereabouts of animals in psychiatry. *Rev Bras Psiquiatr* 2003;25(1):3-4.
2. Insel TR. A neurobiological basis of social attachment [Review]. *Am J Psychiatry* 1997;154(6):726-35.
3. Leckman JF, Herman AE. Maternal behavior and developmental psychopathology. *Biol Psychiatry* 2002;51(1):27-43.
4. Sheehan T, Paul M, Amaral E, Numan MJ, Numan M. Evidence that the medial amygdala projects to the anterior/ventromedial hypothalamic nuclei to inhibit maternal behavior in rats. *Neuroscience* 2001;106(2):341-56.